César Pestana

Coisas da Madeira

As Esquadras de Navegação Terrestre

(Separata do Jornal da Madeira)
FUNCHAL-MADEIRA
1968

César Pestana

Coisas da Madeira

As Esquadras de Navegação Terrestre

(Separata do Jornal da Madeira)
FUNCHAL-MADEIRA
1 9 6 8

Ao brilhante camarada e amigo,
César dos Santos,
esta modesta "lembrança" da Madeira antiga,

com um abraço
do
César [illegible]

[illegible] 6-11-68

Em memória das antigas «esquadras» desportivas da Madeira — ao inolvidável espírito de confraternização social e humana que as inspirou e informou.

dedica

o AUTOR

Nota Preliminar

«Houve no Funchal, desde 1880 a 1916 uns originais clubes recreativos e para-militares que se denominavam extravagantemente ESQUADRAS DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE.

Eram reminiscências das antigas organizações militares das «milicias» e os que pertenciam a estas «esquadras» não tinham outro propósito que não fosse o de se divertirem, embora manifestando o seu amor pelas coisas da Armada, nomeadamente, os uniformes, os postos, as formaturas, a disciplina, o carácter das suas actividades, etc.

Estes clubes deviam ser únicos no mundo pela sua natureza e propósitos.

Chegou a haver três «Esquadras»: a «SUBMARINA DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE», a «TORPEDEIRA DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE», dissidente da primeira e a «INDEPENDENTE DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE», dissidente das anteriores.

As ESQUADRAS eram clubes cujos membros usavam fardamentos de Marinha e se classificavam em oficiais, sargentos e praças, conforme as classes sociais e que usavam como armamento, espingardas e pistolas.

As «unidades» destas «esquadras» eram algumas quintas pertencentes aos membros mais ricos das «esquadras» a que davam o nome de «fragatas» e «corvetas», conforme a importância da quinta.

Nos locais dominantes, içavam mastros de sinais e colocavam peças de artilharia e bombardas. Ainda hoje se podem observar alguns desses mastros de sinais.

Tinham os seus regulamentos de serviço e de disciplina, tudo enfim copiado do que se passava na Armada desse tempo.

Alguns membros até andavam no mar...!

Deve-se à pena de César Pestana a divulgação, há poucos anos, do carácter e das actividades destas tão curiosas instituições que durante vinte e tal anos perduraram no Funchal e que só a deflagração da 1.ª Grande Guerra pôs termo ao seu labor tão singular.

O artigo com o título que encima estas linhas foi publicado, em 1958, na «Revista Portuguesa», em Aveiro; é da autoria do conhecido escritor e jornalista madeirense, César Pestana, nascido na Ponta do Pargo, mas radicado no Funchal há muitos anos, onde exerce profissão comercial, e que adoptou o pseudónimo «Pausânias».

É notável a sua colaboração na imprensa da Madeira e de Lisboa, principalmente sobre assuntos de etnografia madeirense e dedica-se também a escrever contos e novelas em que são muito apreciados o seu poder descritivo e o primoroso estilo de crítica social.

Pelo interesse que certamente despertará nos nossos leitores o conhecimento das actividades das célebres «Esquadras de Navegação Terrestre», do Funchal, transcrevemos a seguir, e com a devida vénia, o artigo de César Pestana».

António Alves Lopes
(Capitão-de-mar-e-guerra)

In ANAIS DO CLUBE MILITAR NAVAL

(N.º de Janeiro-Março 1967)

As Esquadras Madeirenses de Navegação Terrestre . . .

No lamentável período de atribulada confusão política, que decorreu em Portugal entre a penúltima década do século passado e o deflagrar da primeira Grande Guerra, existiram na Madeira três originais instituições de carácter pré-militar e recreativo — únicas no género em todo o país e, porventura, no mundo.

Referimo-nos às chamadas «esquadras» submarinas e torpedeiras de «navegação terrestre», de cujas «guarnições» fizeram parte os burgueses mais categorizados e a janotagem mais em evidência no pacatíssimo Funchal daqueles tempos.

As «esquadras», apesar dos títulos de guerra e do seu aparato militar e naval, eram agremiações essencialmente desportivas — campistas, náuticas e... gastronómicas.

Não é possível conceber-se, em colectividades, contradição e hibridismo maiores. A par dos exercícios físicos e da instrução militar preparatória, ministrada por especializados, dedicavam-se ao pedestrianismo — com suas longas «marchas militares» pelos subúrbios da cidade — aos exercícios náuticos — para os quais a baía do Funchal e a costa leste da ilha se prestavam admiràvelmente, — e à prática elementar da *navegação de guerra* — com os seus dissimulados embarques e desembarques, transmissão de sinais com bandeiras e o manejo discreto de armas de fogo.

Eram estas actividades, para a juventude de então, maneira alegre de ocupar a ociosidade, como o são hoje, por exemplo, o cinema, o futebol e o hoquei em patins.

A maior originalidade daquelas agremiações consistia, porém, no facto de suas constituições orgânicas terem carácter tipicamente *naval*, de serem os seus regulamentos quase inte-

gralmente copiados da nossa Armada Real. Era rigorosa a disciplina e obrigatório o fardamento de marinha, em serviço, brilhando as dragonas doiradas dos «oficiais superiores» dessas «armadas» simbólicas — sem cruzadores de batalha, está visto, mas dispondo de autênticos canhões de campanha, bombardas e espingardas de guerra.

Como era possível a existência de semelhantes «organizações» sob os olhos das Autoridades Militares da Ilha?

Coisas daqueles tempos...

As «esquadras», consideradas no seu aspecto militar e de certo modo patriótico, eram uma próxima reminiscência das velhas «Milícias» e «Ordenanças» existentes na ilha e no Continente até quase meados do século XIX, como o é hoje, a Legião Portuguesa, embora as «esquadras» fossem, como dissemos já, organizações essencialmente de carácter recreativo ou desportivo.

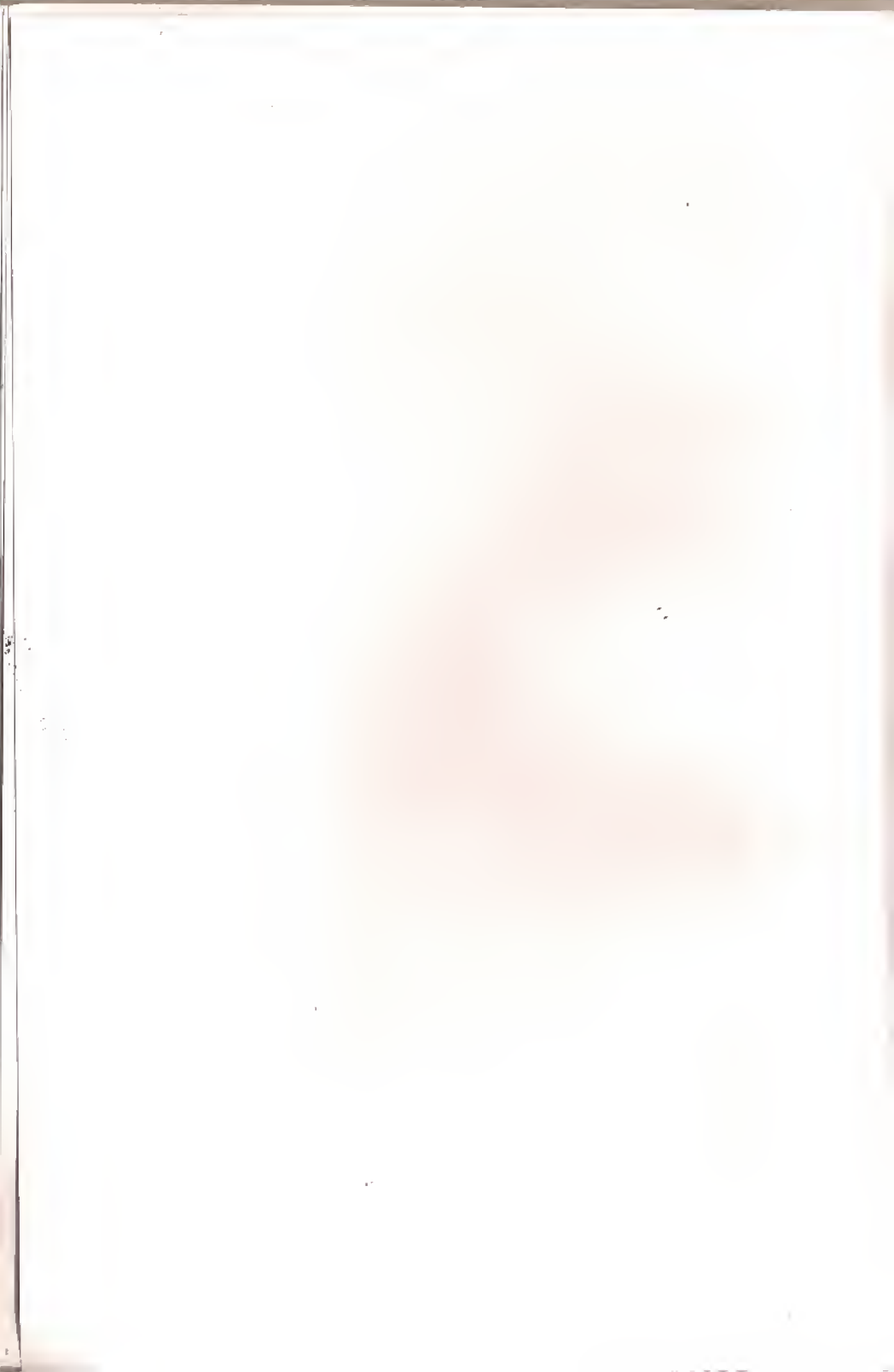
Procurando copiar os regulamentos da nossa Marinha de Guerra, os seus efectivos iam, na escala hierárquica, do simples grumete ao «Almirante de esquadra». Possuiam charangas próprias, «oficiais-médicos» e até capelães.

Havendo *em serviço*, na Madeira, em dada altura, três «esquadras», existiam, nada mais nada menos do que dez «Almirantes», «Vice-Almirantes» e «Contra-Almirantes», ou seja, um número de tão altas patentes superior ao existente, porventura, na nossa Armada Real.

Quem visse as «companhias de marinha terrestre» marcharem, aprumadas, ao longo do antigo Campo do Duque, com rigor marcial, as fardas reluzentes dos oficiais, com suas espadas desembainhadas refulgindo ao Sol merídio; no coice, assustadores canhões em carretas e à frente a fanfarra afinada, sob o comando do «Almirante» a cavalo (ou a pé, conforme as circunstâncias), ficava altamente impressionado — e o povo aplaudia delirantemente tão lustrosas formações em marcha.

Mas, perguntará o leitor — tratando-se de esquadras navais, onde estavam os *navios de guerra*, os *couraçados* — uma vez que não há efeito sem causa?

— Estavam em terra — por muito estranho que o «fenómeno» pareça.

1 — *A «Esquadra Submarina de Navegação Terrestre (E. S. N. T.) em manobras, em S. Martinho.*

Explicamos:

Os oficiais de patente superior eram pessoas categorizadas e bem instaladas na vida, residindo em «Quintas» ou «Vilas» nos arredores da cidade.

Era nos balcões ou mirantes daquelas residências aparatosas, geralmente situadas em pontos culminantes ou proeminentes, nas colinas e montes sobranceiros à velha cidade, ou sobre o mar, que se encontravam instaladas, *fundeadas*, as fragatas, corvetas e canhoneiras de guerra — tal como os numerosos e minúsculos fortins das antigas Milícias se espalhavam ao longo da costa. Consistiam os *navios* em construções adequadas, com suas torres e pontes de comando construídas de madeira, e os altos mastaréus, com suas gáveas e traquetes, sobre que drapejavam ao vento os galhardetes, as flâmulas e os mariatos com suas bandeiras de sinalização — para as respectivas comunicações ou transmissões «de ordens de serviço».

«Os sinais de uma *só bandeira* serão sempre feitos nos laes da verga, nos vaus ou a meio galope, a fim de evitar confusão, com os sinais feitos em honra dalguma «autoridade». Os grupos de duas ou três bandeiras poderão ser içados em qualquer parte bem visível, preferindo sempre o galope do mastaréu e os laes das vergas» (1).

Por detrás das muralhas ou mirantes dalgumas quintas ou «fragatas» surgiam, ameaçadoras, as bocarras de uma ou outra columbrina ou bombarda.

Alguns oficiais graduados possuiam também pequenos *yatchs* de vela para serviços no mar. Todavia, quando se tratava de viagens de cadetes ou de «guerra», ou ainda de desembarques de grande estilo, eram alugados, nos fins de semana, o vapor «*Ernesto*» e o yacht «*Maria*», da cabotagem — este último, elegante embarcação de 200 toneladas, com sua proa afiada e seus dois mastros altíssimos, sobre cuja galopa drapejava, altaneira, a flâmula azul e branco do «Almirantado».

O yacht «*Maria*» e o «*Ernesto*», terminados os exercícios ou a sortida naval da «Marinha terrestre» após o desembarque em Santa Cruz ou o «bombardeamento» e a «tomada», por

(1) Art. 15.º da «Ordem de Serviço» de 23-12-1903 do Almirantado da «Esquadra Submarina de Navegação Terrestre».

exemplo, da Vila de Machico pelos «fuzileiros navais» do Funchal, eram devolvidos aos armadores no dia seguinte, retornando à cabotagem (2).

Rara era então a residência de certa categoria que não ostentasse, por influência da época, o seu níveo mastro altivo, ainda que o seu proprietário não fosse «marinheiro».

Apesar de volvido meio século sobre o desaparecimento das famosas «armadas», ainda se vêem, nalgumas vivendas antigas dos arredores da cidade, alvos mastros a lembrarem as gloriosas «esquadras» do passado...

É curioso notar que das aludidas instituições faziam parte não sòmente novos e velhos burgueses, empregados superiores do comércio bem colocados e desportistas mais ou menos endinheirados, mas também autênticos oficiais do nosso exército e altos funcionários do Estado. O Comandante da *Fragata* W, de uma das «esquadras» — da «submarina» — por exemplo, era o Coronel e Deputado da Nação (1902-1906) Alexandre Sarsfield e «Vice-Almirante», o Coronel de infantaria Bernardino Pereira. O «Almirante» Eduardo Sarsfield era vice-cônsul da Inglaterra e o Padre João Maurício Henriques, simultâneamente capelão da «submarina» e do Batalhão de Infantaria 27...

Os marinheiros, em número superior a uma centena, marchavam com muito aprumo, sob a maior rigidez militar, com suas espingardas *Kropatchek* à ombreira — aqueles velhos e históricos fuzis sobreviventes das guerras napoleónicas, levantados de empréstimo dos quartéis da Polícia de Segurança e da Guarda Fiscal... Quando, finalmente, acampavam numa das quintas ou fragatas, do Monte ou de S. Martinho, por exemplo, pertencente ou sob comando dum oficial graduado, o respectivo parque era posto à disposição da «Marinha» e o rancho de campanha ali preparado e servido com abundância, sendo frequente a distribuição de bons vinhos licorosos, perús assados e pudins à sobreposse...

Não admira, pois, que com tão suculentas e especiosas rações de campanha e o improvável risco da «guerra», o núme-

---

(2) O «*Maria*», empregado mais tarde numa carreira Funchal-Lisboa, sob o nome de «*Neptuno*», foi torpedeado em 1917, por um submarino alemão, numa viagem de Lisboa para a Madeira.

2 — Da esquerda para a direita: dr. Barreto Gonçalves, capitão-médico; Diogo Sarsfield, 1.º tenente; Eduardo Sarsfield, almirante; dr. Frederico Martins, capitão-tenente; João Godinho, capitão-de-fragata; José Cândido de Abreu Henriques, José Paulo dos Santos e Augusto Ferraz, capitães M. G.; Pe. Justino Henriques, capelão.

ro de inscrições de voluntários para a «Armada» fosse bastante grande e fortes os pedidos de alistamento. Todavia, procuravam ser rigorosos na escolha dos candidatos e nos exames de apuramento. A proposta do candidato era subscrita por três membros efectivos e afixada num quadro preto na sede do respectivo «Almirantado», durante uma semana, sujeita a reclamações. Findo o prazo, era o pretendente submetido à aprovação do «Estado Maior» por escrutínio secreto. A principal condição para a admissão era a idoneidade absoluta do proposto.

Três eram as «esquadras» existentes no Funchal, desde o começo deste século: — a «Esquadra Submarina de Navegação Terrestre (E.S.N.T.)», a «Esquadra Torpedeira de Navegação Terrestre (E. T. N. T.)» e a «Esquadra Independente de Navegação Terrestre (E. I. N. T.)».

A primeira era a mais antiga e «categorizada» das três «esquadras» sendo constituida por tropas de «élite».

Apesar da grande rivalidade existente entre as respectivas guarnições, pois a segunda era uma dissidência da primeira e a terceira dissidência das duas — nunca chegou, que se saiba, a haver qualquer «declaração ou estado de guerra» entre elas. Nas comemorações de datas históricas ou nas grandes e tradicionais festividades da Ilha — ou ainda, fora do serviço — era até frequente a *marinhagem* confraternizar, quando à paisana... Porém, logo que metia farda, a coisa mudava de figura, os ressentimentos surgiam — subsistia uma espécie daquela *psicose* a que modernamente se convencionou chamar «guerra fria» e então, as *unidades*, receosas, esquivavam-se umas às outras, não por falta de *bravura*, com certeza, mas porque as *ordens* eram de «evitar arruaças», sob pena de rigorosos castigos disciplinares. Havia todo o cuidado em não alterar a ordem pública.

COMO NASCEU A PRIMEIRA «ESQUADRA»

O falecido escritor e ilustre académico madeirense, Major João dos Reis Gomes, refere-se, «à margem da colectânea» do seu livro *.De Bom Humor»* (3), à *esquadra submarina*

(3) Edição do Autor — Funchal, 1942.

— a primeira que surgiu — e ao seu carácter burlesco, explicando-nos, em prosa admirável e magnífico sentido de humor, a contradição contida no título e as origens boémias desta organização — de que as duas similares foram consequência — nos seguintes termos, que vale a pena transcrever:

«Há-de haver bons sessenta anos, formou-se nesta cidade um grupo alegre que tomou o título paradoxal e picaresco de «Esquadra Submarina de Navegação Terrestre». (A contradição aqui contida, vai já ter explicação).

Os membros deste «organismo», gente de sociedade — boémios, só aos domingos — possuiam, cada um em sua casa, um posto de sinais, munido de alto mastro com gávea e mastaréu, em mirante disposto como ponte de navio, não lhe faltando, nalguns, o longo óculo de alcance. Comunicavam entre si, a distância, por meio de bandeiras.

Estes postos eram as bases de ataque da «Esquadra» que tinha seu «almirante» e «comodoro».

Cada domingo, o chefe determinava onde se concentraria a frota e qual o objectivo de ataque: em regra, uma boa adega dos arredores do Funchal.

À hora marcada para o «raid», esses pândegos — os «submarinos» — dirigiam-se, fora de caminhos, através de terras de cultura, agachados e a coberto de canaviais e bananeiras, até ao barco inimigo, isto é, a adega que deviam atacar. O comandante, quer dizer, o proprietário, surpreendido ou não, rendia-se sem abrir fogo, e as pipas ficavam, com o que havia nas despensas, à disposição dos agressores. A ofensiva terminava em lauta festa.

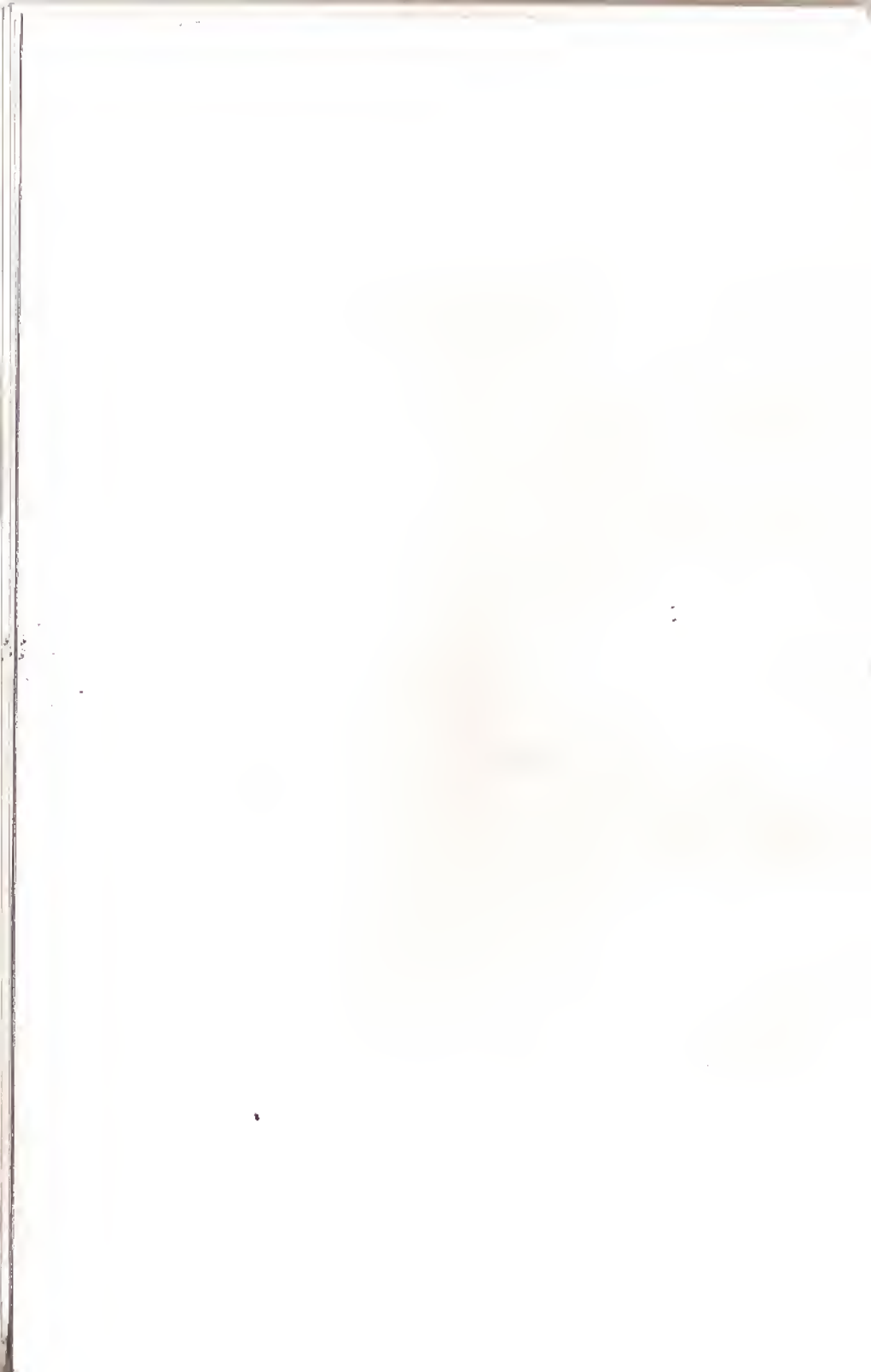
A «Esquadra» era «submarina» porque o percurso se fazia por baixo das «glaucas ondas» — a ondulante folhagem das canas doces e dos verdes bananais — ; mas, a navegação sempre terrestre, visto ser sobre terrenos que os «navios» realizavam a derrota.

À sua moda divertiam-se.

Vencido o adversário, a tarde era de paz e de folia entre os dois campos: comiam, bebiam, jogavam a bisca, o xadrez ou o voltarete que, ao tempo, andava muito em moda.

A caminhada, dura às vezes, dava-lhes apetite para o petisco e o beberete; e, deste convívio, saíram ditos de espírito

3 — *Alguns oficiais do E. M. da «E. S. N. T.». Da esquerda para a direita: — sentados — Manuel Martins de Freitas Rato, capitão-de-mar-e-guerra; José Cândido de Abreu Henriques, contra-almirante; Artur P. do Quental, capitão-tenente; em pé: Ernesto Casimiro Cunha, aspirante; V. Areias, guarda-marinha; Coelho Barreto, guarda-marinha; dr. Augusto Ferraz, 2.º tenente; Luís Freitas Ferraz, aspirante.*

4 — *Oficiais da «E. S. N. T.». Da esquerda para a direita: — sentados — capitães-tenentes dr. Alberto Jardim, Artur P. do Quental, Alfredo César de Oliveira e Costa, Alexandre Eurico Sarsfield Pereira e Alfredo César de Oliveira; em pé: guarda-marinhas Carlos Virissimo, Humberto de Passos Freitas e João Eleutério Carvão Gomes; capitão-tenente Manuel de Jesus, guarda-marinha Jorge Gordon; aspirantes E. Rodrigues e J. Abreu*

e anedotas que ficaram na tradição. O paradoxo do título — que nos dizem ser dado ao grupo por um dos seus elementos, o Padre [illegible], homem superiormente chistoso e inteligente, já, por si, dá a medida da graça que dominaria nas tertúlias e festins em que sempre acabavam as agressões da Esquadra.

Dizem-nos que, não raro, um «espião», saído dentre os próprios agressores, denunciava ao inimigo o dia e hora do ataque, crime a que o chefe fazia vista grossa, pela certeza de alcançar assim mais gorda presa...

Mas, se o adversário tinha fama de sovina, a invasão era então feita absolutamente de surpresa.

Rodaram os tempos, e a «organização» modificou-se. Entraram novos membros, pelo geral, gente moça, e, com esta, o prurido de uniformes e galões.

Dentro em pouco, a «Esquadra» parodiava uma milícia, com sua hierarquia, afectadas continências, ordens de serviço e regulamento disciplinar. Era já um corpo numeroso que, conservando o nome de «Esquadra Submarina» ou de «Submarina», simplesmente, tinha a instrução militar da infantaria, uma bateria de pequenas e velhas peças de alma lisa e espingardas de museu, emprestadas pela polícia, não marchando já escondida sob os canaviais de S. Martinho, mas, em pleno sol, pelas ruas e estradas a toque de clarim, cavos rufos de tambor e agudas vozes de comando, a refulgir espadas, charlateiras e botões amarelos repolidos a capricho. No entanto, como se chamava «Esquadra», o comandante mantinha o posto de «almirante», o «corpo» considerava-se de tropas de desembarque...

O título é que se não defendia, agora, com a facécia primitiva. A «Submarina» tornara-se brilhante parada de uniformes, pretexto para evoluções bélicas a caminho das vilas próximas, aos domingos e feriados, tudo ordenado por comandos e patentes, levando seu padre capelão e, até, um adido militar de farda coberta, a valer, de doiradas e vistosas bordaduras.

As manobras da «Esquadra» eram pobres, como plano; mas destacavam-se pela sua «secção de quarteis», particularmente, pela qualidade do rancho. Do antigo organismo ficará a tradição histórica do opíparo e bem regado jantar.

Faziam parte deste «corpo» excelentes rapazes do comér-

cio e, alguns, das profissões liberais, mortos por se verem livres das lojas e escritórios, para se esfregarem em longas e fatigantes marchas, apertados em fardetas de altas golas vincadamente marciais. Achavam nisto, talvez, compensação da vida sedentária que levavam nos outros dias da semana.

Mas, muitos deles, militarizavam-se assim, entre fadigas, calores e suores, depois de terem feito esforços de toda a ordem para se eximirem aos curtos meses do serviço nas fileiras...

Uma brincadeira, enfim, mas trabalhosa, e a que se imprimia o ar mais grave deste mundo. Marchavam com belo aprumo, cadência firme, e as continências eram nìtidamente prussianas».

É interessante assinalar o facto do próprio Major Reis Gomes, autor do trecho que acabamos de transcrever, ter presidido a um juri de classificação de umas *manobras navais* da «Esquadra Submarina», realizadas em Santa Cruz, sendo, ao tempo, Comandante da Artilharia da Madeira!...

I—ESQUADRA SUBMARINA DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE

«E. S. N. T.»

Iniciada antes de 1880, com carácter boémio, sòmente nos últimos dois anos do século passado é que passou a constituir uma «força armada» copiada da Marinha Nacional.

Era seu chefe supremo e fundador, o «Almirante» Eduardo Sarsfield, sendo o seu «Estado Maior» constituído, em 31-12-1903, pelos seguintes oficiais: *Vice-Alm., Coronel* Bernardino Pereira; *Contra-Alm.*, Vago; *Capitães-de-mar-e-guerra,* José Cândido Henriques, (depois *Contra-Almirante),* João Frederico Rego e Manuel Martins de Freitas Rato; *Capitães-de-fragata,* Daniel Sarsfield, J. A. de Sousa e J. A. Rodrigues; *Capitães-tenentes,* Dr. Alfredo Barreto (Médico), Pedro do Quental e João Maximiano de Abreu Noronha.

As iniciais «E. S. N. T.» liam-se nas fitas dos bonés das praças. Em certo período tiveram, nessas fitas, de cada lado

do letreiro, a bandeira de sinal representativa da letra — designação do «navio de guerra» a cuja guarnição pertenciam.

O primeiro Quartel, na fase *menos bélica* ou inicial, funcionou na residência do *Almirante* e depois, na Casa Branca, ao Salto Cavalo. A partir de 1906 ficou instalado no 1.º e 2.º andares do edifício do Largo da Igrejinha (4). O quartel era uma espécie de clube, com salas destinadas a oficiais e à *marinhagem*. Dispunha de *Bar* e mais dependências. Havia sempre «oficial de dia» e uma sentinela à porta. Seus efectivos e auxiliares andavam à volta de 150 homens. Teve vários capitães-médicos em diferentes épocas. Além do já citado Dr. Manuel Barreto, que daria depois o seu nome à rua onde teve sua residência, o Dr. Gastão Gonçalves e o Dr. Ascenção.

A artilharia móvel era constituída por várias peças de bronze, de carregar pela boca, duas de culatra, uma «carreta de material», etc. Possuia um «Código Privativo» de sinais por bandeiras, da autoria do próprio *almirante*.

Os últimos canhões *sobreviventes* foram oferecidos recentemente ao Clube Naval do Funchal.

Segundo uma ordem da «Esquadra Submarina de Navegação Terrestre» *emitida de bordo da fragata-almirante, em [illegible] de Dezembro de 1903 e assinada pelo Almirante Eduardo Sarsfield*, damos conta da existência de 19 unidades de Marinha, no efectivo: *11 fragatas, 3 corvetas e 5 canhoneiras.*

As «unidades navais» eram designadas pelas consoantes do alfabeto.

Segundo o art. 13.º da aludida «Ordem», os novos comandos são assim distribuídos:

Comandante da esquadra — *Alm.* E. Sarsfield.
Vice-Alm. — Vago.
Contra-Almirante — J. A. Roiz.
Fragata B — *Comandante*, D. Sarsfield. *Imediato*, C. Sarsfield.
Fragata C — *Comandante*, J. S. Abreu Henriques. *Imediato*, C. A. Pereira.
Fragata D — *Com.*, J. B. de Sousa.

---

(4) Sobre a antiga cervejaria «Bach».

Fragata F — *Com.*, M. Raio.
Corveta G — *Com.*, P. C. Pires.
Corveta J — *Com.*, J. F. Rego.
Canhoneira K — *Com.*, J. M. de Abreu.
Corveta L — *Com.* J. Bianchi.
Canhoeira M — *Com.* Luís Filipe Roiz.
Fragata N — *Com.* J. P. dos Santos.
Fragata P — *Com.* J. A. de Sousa.
Canhoneira Q — *Com.* J. J. Silva Vieira.
Canhoneira R — *Com.* L. A. de O. Lopes.
Canhoneira S — *Com.* J. P. A. Guimarães.
Fragata T — *Com.* J. A. Roiz.
Fragata V — *Com.* B. Pereira.
Fragata W — *Com.* A. Sarsfield (em estação).

O art. 11.º da referida «ordem» estabelecia, acerca de uniformes, o seguinte:

«Os uniformes continuarão, por enquanto, a ser os adoptados actualmente, a saber: Dólman, calça e barrete (brancos), para verão, serviço a bordo, desembarquês, marchas em terra — sendo os dois últimos usados com polaina, sobrecasaca preta e calça preta ou branca, e barrete sempre branco para passeio, visita, comissões, exames e recepções a bordo. Casaca, calça de lista, chapéu armado, dragonas, para tudo quanto for de grande uniforme — o que será prèviamente determinado superiormente. Os distintivos, actualmente usados, são:

Almirante — 1 galão muito largo e 3 estreitos.
Vice-almirante — 1 galão muito largo e 2 estreitos.
Contra-almirante — 1 galão muito largo e 1 estreito.
Capitão-de-mar-e-guerra — 3 galões largos.
Capitão-de-fragata — 2 galões largos.
Capitão-tenente — 1 galão largo e 1 estreito.
1.º Tenente — 1 galão largo.
2.º Tenente — 2 galões estreitos.
Guarda-marinha — 1 galão estreito.
Aspirante a oficial — 1 galão estreito, obliquamente na manga direita, do cotovelo ao punho.

Os distintivos em ambas as mangas (excepto o aspirante).

8 — *«Almirante» Eduardo Sarsfield e o seu Estado Maior: — da esquerda para a direita: de pé — Diogo Sarsfield, 1. tenente; coronel Bernardino Pereira, contra-almirante; Pedro Pires, capitão-tenente; C. Sarsfield, cap.-de-mar-e-guerra — sentado — E. Sasfield, almirante*

O galão superior em óculo. Os não combatentes não têm óculo nos galões.

No uniforme branco, os distintivos são usados sobre as platinas, em ambos os ombros, pelo modo seguinte:

Almirante — sete estrelas de ouro.
Vice-almirante — seis estrelas de ouro.
Contra-almirante — cinco estrelas de ouro.
Capitão de mar-e-guerra — quatro estrelas de ouro.
Capitão de fragata — três estrelas de ouro.
Capitão-tenente — duas estrelas de ouro.
1.º Tenente — uma, ouro (superior) outra, prata (inferior).
2.º Tenente — duas de prata.
Guarda-marinha — uma estrela de ouro.
Aspirante a oficial — uma de prata, só no punho direito.
As estrelas assentam em pano azul.
Sobre as platinas, encimando os distintivos, usar-se-á uma *âncora de ouro*. O aspirante-oficial usá-las-á também em ambos os ombros. Os não combatentes *não usam ancora*.

Na frente do barrete haverá, por enquanto e até nova ordem, uma âncora de ouro, assente em pano preto, e nas palas dos mesmos, galões estreitos de ouro; sendo dois para os oficiais-almirantes e um para os oficiais superiores. Na gola de qualquer uniforme não se usará distintivo algum; será completamente lisa, tanto no grande como no pequeno uniformes. Etc., etc.

II — A ESQUADRA TORPEDEIRA DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE

«E. T. N. T.»

Fundada em 1903 com alguns dissidentes da «Submarina» e com o objectivo de a «torpedear», teve como *almirante* e fundador o conhecido comerciante João Valentim Maltês (5)

---

(5) Ainda vivo e enérgico. Apesar da sua avançada idade, continua dirigindo a sua casa comercial. (À data da 1.ª publicação da presente monografia (1958).

Seu «Estado Maior» era constituído pelas seguintes «altas patentes»:

Almirante — João Valentim Maltês.

Vice-Almirante — Francisco Quintino Fernandes

Contra-almirante — José Augusto Pereira (Garantido).

Capitães-de-mar-e-guerra — Francisco Assis Ferreira (?) e... Martins.

Capitão-médico — Dr. António Capelo.

E outros.

O quartel general estava instalado na «Quinta da Saudade» ao Caminho do Til.

A artilharia móvel era constituída por três canhões de campanha, fundidos no Arsenal de S. Tiago.

Possuia 25 fragatas, corvetas e torpedeiros.

Chegou a ser a mais poderosa e numerosa, em efectivos, das três esquadras — cerca de 200 homens armados em pé de guerra.

Os uniformes e regulamentos eram também copiados da nossa Armada Real.

Dos três velhos canhões de càmpanha, dois foram vendidos recentemente para sucata; e um, oferecido como lembrança, há anos, ao capitão Roque Pedreira.

Tinha seu brazão de armas e código de sinais.

III—ESQUADRA INDEPENDENTE DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE

«E. I. N. T.»

Fundada por volta de 1905, pelo considerado proprietário Guilherme Pinto Correia, pai do nosso malogrado Capitão Armando Pinto Correia (6), sòmente em 1908 é que constituiu poderosa «esquadra» devidamente organizada — com seu «Estado Maior», fanfarra e «armas de guerra» — alguns canhões de carregar pela boca e os velhos fuzis pedidos de empréstimo à Guarda Fiscal...

---

(6) Lugar-Tenente do Marechal Gomes da Costa, no 28 de Maio, grande Administrador colonial e notável Escritor.

6 — *1.º Tenente Diogo Sarsfield* — «à proa da sua corveta»

7 — A «Esquadra Torpedeira de Navegação Terrestre» (E.T.N.T.) no Caniço, em 1906.

Seu «Estado Maior» era assim constituído:

Almirante — Guilherme Pinto Correia.

Vice Almirante — ... Mesquita.

Contra almirantes — Carlos Alberto Pestana e José Nascimento Camacho.

Capitães de-mar-e-guerra — José Crispim Gomes e João da Silva.

1.os Tenentes — Augusto Pinto Correia, Ambrósio Caminha e Ricardo Rodrigues.

2.os Tenentes — Leonel Fernandes Silva, Francisco Rodrigues Junqueira, Raul Pereira Brazão e Manuel Damião [illegible].

Apesar de ser a mais pequena das três «esquadras», era a única que possuía dois *Contra-almirantes!*

Eram cônsules da «Independente» nas freguesias de S. Martinho e St.ª António, respectivamente, o Coronel de Artilharia (ao tempo Tenente) João G. Gonçalves e Edmundo Alberto Silva.

O seu «quartel general» era na «Quinta das Fontes», à Rua Imperatriz D. Amélia.

A artilharia móvel era constituída por 2 canhões de campanha, havendo mais 8 canhões nas respectivas fragatas (3), couraçados (4) e canhoneira (1).

Seu «efectivo bélico» atingiu 120 homens, no máximo da sua força. Os uniformes, como os demais, eram copiados da nossa Marinha.

Possuíam também um capelão, um oficial-médico e um código de sinais por bandeiras da autoria de Armando Pinto Correia.

Era a mais pequena, em número e importância bélica, das três organizações «navais».

As três «esquadras» conjuntas, reuniam, aí por volta de 1908, 52 unidades de «guerra» — *couraçados, fragatas, corvetas e canhoneiras* — sob o alto comando de 10 almirantes. Uma força simbólica capaz de enfrentar, ao tempo e *em número*, a Armada Nacional! — senão mesmo o poderio naval da Grã-Bretanha no Atlântico!... Pelo menos, gastronòmicamente...

Quando numa bela manhã de Junho de 1901, os Reis D. Carlos e D. Amélia, de visita à Madeira, foram a passeio, até à pitoresca freguesia do Monte, ficaram agradàvelmente impressionados, ao ser-lhes prestadas honras militares no Largo da Fonte, por uma lustrosa Companhia de Marinha, rigorosamente alinhada e impecàvelmente uniformizada, com suas vistosas fardas e galões dourados brilhando ao sol.

O Rei perguntou então ao Governador, que o acompanhava, a que unidade de Marinha pertencia aquela esplêndida formação.

O interpelado, atrapalhadíssimo, teve muita dificuldade em explicar a sua Majestade que se tratava apenas de uma «esquadra submarina de navegação terrestre!»... D. Carlos não gostou nada da brincadeira, ordenando a imediata dissolução daquela farsa, que se prestava a confusões. Todavia, as esquadras reapareciam em público pouco tempo depois, tendo subsistido até ao começo da primeira grande guerra mundial.

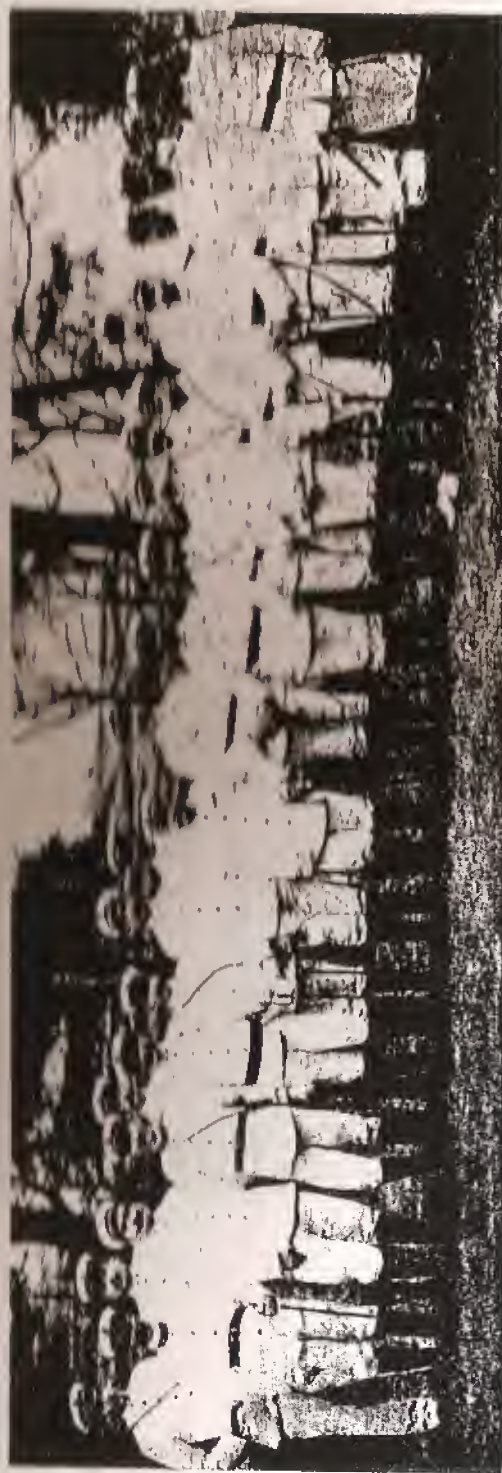
O episódio acima é-nos contado com pormenores diferentes pelo escritor Reis Gomes, no já aludido «Comentário», inserto no livro «De Bom Humor» acerca da «esquadra submarina». Vale a pena reproduzi-lo, pelo efeito bem humorado da prosa, ficando aqui consignadas as duas versões do acontecimento:

«Por ocasião da visita de El-Rei e da Rainha a esta Ilha, em Junho de 1901, a «Esquadra» apareceu, em grande gala, na festa oferecida aos Reis, na Quinta de Rocha Machado (Monte), salvando a respectiva artilharia à chegada de Suas Majestades.

O Senhor D. Carlos I, estranhando ali, o ribombo, ainda que ténue, do canhão, perguntou ao Major Lobo, artilheiro da sua Casa Militar que o acompanhava na viagem, pela significação de tudo aquilo. O oficial, não fazendo justa ideia do sucesso, resumiu-lhe baixo, o que à pressa lhe haviam informado.

El-Rei, não chegando talvez a entender bem a rápida explicação, voltou-lhe, na sua habitual bonomia:

—Mas enganaram-se no mês. A quadra própria já passou...

Com discrição, embora, todos riram em torno de D. Carlos. E até o mesmo *«almirante»* — homem jovial, mas asmáti-

8 — Oficiais da «E. T. N. T.» — 1906

9 — Sargentos da «E. T. N. T.» — 1907

[illegible] — se ia afogando na convulsa gargalhada que soltou, ao contarem-lhe o oportuno dito do monarca».

As fardas impecáveis, os galões doirados dos oficiais e os tiros de bombarda das «fragatas», prestavam-se realmente a não poucas confusões.

Os soldados e recrutas do Exército faziam normalmente as continências do estilo ao passarem por qualquer «oficial» e na Fortaleza do Governo Militar, uma sentinela bradou às armas à aproximação do «*Captião-de-mar-e-guerra*» João Frederico [illegible] e do «*Capitão tenente*» João Maximiano de Abreu Noronha, quando estes desciam, uma tarde, rigorosamente fardados, à [illegible] da entrada da cidade...

Uma ocorrência que ia tendo sérias consequências diplomáticas foi o caso passado com o navio-escola da marinha de guerra francesa «*Melpomene*», do comando do capitão Davioud.

Quando esta fragata de guerra, certo dia, abandonava o nosso porto do Funchal, após uma visita de cortesia, e navegando já a três milhas da costa, foi surpreendida por três tiros de bombarda e respectiva sinalização, intimando-a a parar e a [illegible] — o que fez com insusitado espanto.

Tratava-se, afinal, de simples brincadeira dum «oficial» da «Submarina», cujo nome *não se conseguiu*... apurar, e que da sua residência sobranceira ao forte de S. Tiago se lembrara de disparar a sua bombarda, para pregar uma partida aos franceses.

Com esta fragata de guerra dava-se, pouco depois, um curioso episódio na nossa vizinha ilha do Porto Santo, onde o Comandante Davioud decidiu ancorar.

Não descortinando Davioud, naquela ilha, qualquer sinal de fortaleza ou bandeira, resolveu desembarcar, a passeio, sem ordenar a salva do estilo.

Ficou, pois, bastante surpreendido, logo após o desembarque, ao ser recebido por uma «guarda de honra» constituída por [illegible] paisanos todos enchapelados e alinhados em posição de sentido, sob o comando do famoso Padre Acciaiuoli, então paroquiando naquela ilha. Padre Acciaiuoli tinha sido capelão da «Esquadra Submarina», conhecendo, portanto, as *praxes* [illegible]

Quando o Comandante Davioud estava a cinco passos da

formação, Padre Acciaiuoli bradou com voz de comando para a «guarda de honra»: — *Tirar os chapéus!*

Mr. Davioud ficou estupefacto e sensibilizado ao mesmo tempo com o original apresentar de armas...

Pouco depois, já na residência paroquial, onde lhe era servido um copioso «Porto Santo de honra», Davioud perguntava, sorrindo, ao Padre Acciaiouli, como é que ele responderia, se a sua fragata tivesse dado a salva do estilo, ao que o espirituoso Padre retorquiu imediatamente, sem se desconcertar:

— *Ah! tout simplement... — a chaque coup de canon, un coup de chapeau!*

Mr. Davioud ficou «*enchanté*».

Uma peripécia que ia tendo consequências graves, foi a que se passou com o «*Capitão-de-mar-e-guerra*» *da* «Esquadra Submarina», João Frederico Rego, ao tempo cônsul do Perú nesta ilha.

Frederico Rego regressava a casa certa madrugada, depois de tomar parte numa festa rija, de confraternização do «Estado Maior», onde os licores tinham sido abundantes. Vinha rigorosamente fardado, exibindo sua comprida durindana. Ao aproximar-se da sua residência, à esquina da Rua Latino Coelho, viu uma formação inimiga, de possíveis tropas desembarcadas, avançando *camoufladamente* sobre a cidade. Não hesitou. Desembainhou a espada e avançou resoluto para os invasores, começando a acutilá-los. Os «inimigos» eram, porém, um inofensivo e numeroso magote de camacheiras (7) que se dirigiam ao mercado com seus cabazes de verduras à cabeça!...

Vendo-se as pobres camponesas em perigo de vida, largaram os cestos e fugiram; e as que não puderam fugir, tomando o agressor por um oficial inglês, ajoelharam-se bradando implorativas:

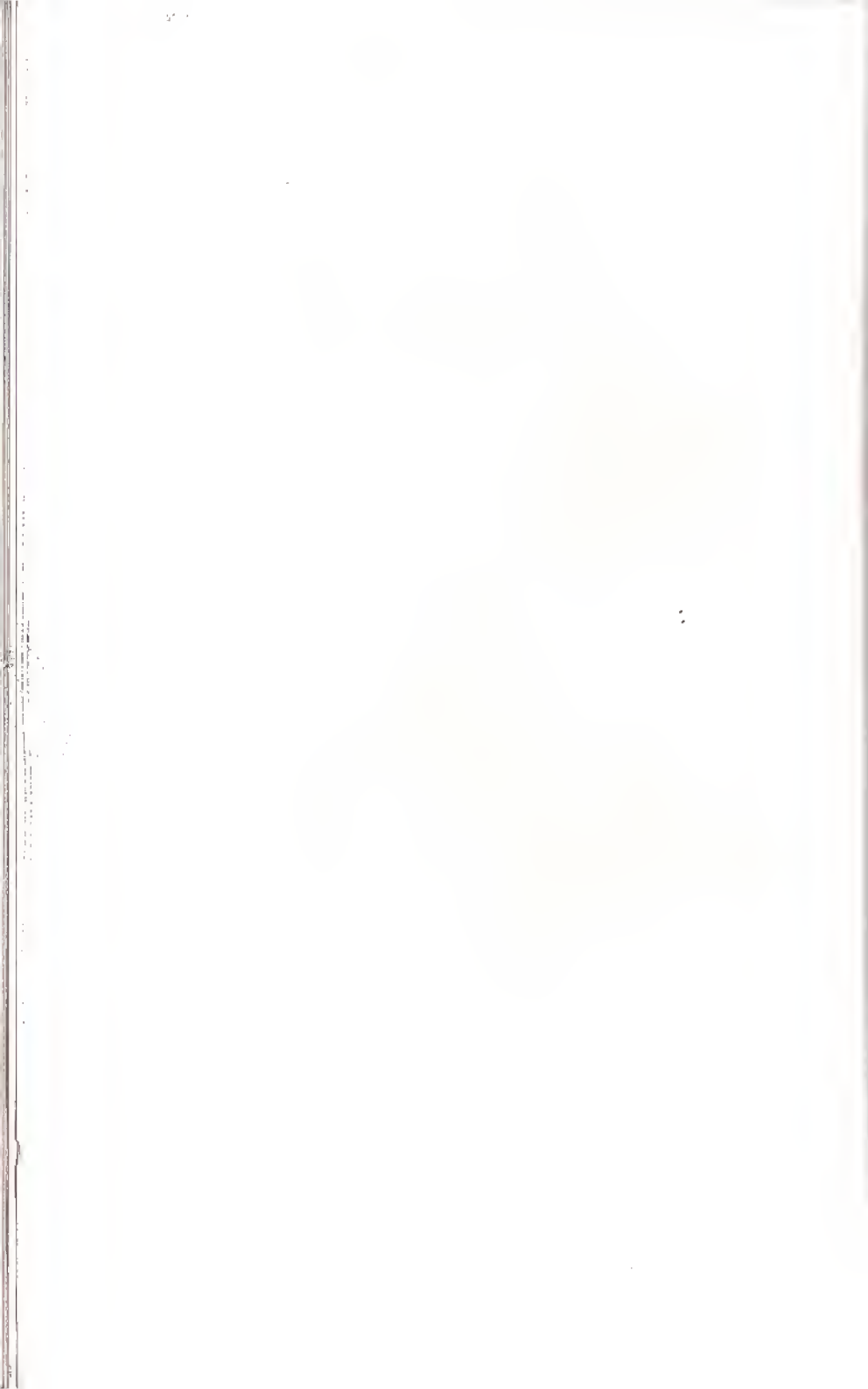
— «*Sir*», por favor não nos mate!

Foi necessária a intervenção da senhora Rego, que surgiu então à janela, para dissuadir o «herói» de que não se tratava de inimigos, mas sim de inofensivas e pobres camacheiras...

Ainda há poucos anos deu que falar no Funchal um dos

---

(7) Camponesas da vizinha freguesia da Camacha.

10 — «Esquadra Independente de Navegação Terrestre» 1906: — *Da esquerda para a direita* — sentados — *João Nascimento Camacho e Carlos Alberto Pestana, Contra-Almirantes; Mesquita, Vice-Almirante; Guilherme Pinto Correia, Almirante; José Crispim Gomes, Capitão M. G.; Augusto Pinto Correia, 1.º Tenente* — De pé — *Leonel F. Silva e Francisco Rodrigues Junqueira, 2.ºs Tenentes; Ambrósio Caminata e Ricardo Rodrigues, 1.ºs Tenentes; João Gregório Gonçalves, Cônsul em S. Martinho; Edmundo Alberto Silva, Cônsul em S. António; Raul Pereira Brazão e Manuel Damião Teixeira, 2.ºs Tenentes.*

11 — *A fragata de guerra francesa, «Melpomene», no porto do Funchal.*

últimos ecos das «esquadras». Foi o caso dum brincalhão lembrar-se de denunciar anònimamente, à polícia, a existência de armamento «subversivo» escondido na residência do venerando nonagenário sr. João Valentim Maltês.

Imediatamente detido, viu-se o sr. Valentim Maltês em sérias dificuldades para explicar que se tratava apenas de 3 velhos e inofensivos canhões guardados numa loja como relíquia, que haviam pertencido à velha «Esquadra Torpedeira de Navegação Terrestre» de que ele fora, há meio século, seu modesto «*Almirante*»!...

O NAUFRÁGIO DAS «ESQUADRAS»

As «esquadras» da Madeira, encaradas hoje, a mais de meio século de distância, poderão parecer mascaradas ridículas de estroinas e libertinos burgueses, sòmente possíves numa época de decomposição e de confusão política, como o foram os últimos decénios da Monarquia. Todavia, elas têm, na realidade, uma origem político-militar não muito remota e de relativa continuidade, pois descendem directamente, como dissemos já no começo desta crónica, das velhas milícias e ordenanças encarregadas da defesa militar da Ilha, existentes até à proclamação do governo liberal em 1834. Nos princípios do século XIX, existiam na Madeira, além dum batalhão de artilharia auxiliar, três regimentos de milícias, de formação pré-militar — que constituíam a 2.ª linha — e as ordenanças, «que eram como um viveiro de recrutas» e representavam a 3.ª linha das tropas da Madeira.

«Apesar do aparato da organização que revistia as milícias dos séculos XVIII e XIX, só chegaram dessa instituição, às Ilhas da Madeira e Porto Santo *a caricatura e as prepotências, redundando no enxame de senhores capitães, alferes e tenentes, cujas patentes ainda são, nas povoações rurais, memórias vaidosas e pretextos respeitados de distinções e considerações.*» (8)

Os fundadores das «esquadras», eivados ainda do espírito e do aparato das velhas milícias — alguns mesmo descendentes imediatos de velhos capitães e tenentes de 2.ª e 3.ª linhas,

(8) In «Saudades da Terra». Notas. pág. 611.

tomavam os seus papéis a sério, com certa *intenção* patriótica e as exteriorizações um tanto apropriadas ao espírito da época.

Porém, assim como o enxame de senhores capitães, tenentes e alferes das milícias e ordenanças, acabou contribuindo para o golpe mortal de tais instituições, idêntica circunstância se verificou com as famosas «esquadras» de que nos vimos ocupando — apesar de serem estas, organizações puramente particulares e desportivas, funcionando à margem de qualquer disposição legal, ainda que protegidas pelas autarquias locais.

Efectivamente, nos últimos anos das suas existências, começou a surgir do seio dos respectivos «estados maiores» um problema grave, de difícil solução. Foi o caso das promoções. Como a maioria dos componentes eram filhos-família ou comerciantes e empregados de comércio qualificados — tudo *gente bem,* — e não havia encargos de *pré* nem perigos de guerra, as promoções verificavam-se ràpidamente para o que os empenhos, as influências — *as cunhas* — não deixavam de actuar em todas as oportunidades.

Todos queriam ser oficiais ou oficiais superiores. Disputavam-se os *galões.* Chegou-se a comprar patentes — a lembrar aqueles velhos coronéis do antigo exército brasileiro... Resultado: em dada altura os «*almirantados*» viram-se em face duma terrível *situação de facto:* — haver mais oficiais superiores do que marinheiros!...

Quando, finalmente, rebentou a guerra de 1914 e a *coisa* prometia não ser para brincadeiras, o entusiasmos começou a decrescer... E foi até com grande alívio que os respectivos «estados maiores» aceitaram a «capitulação» e «depuseram as armas», ao serem os respectivos *almirantes* convidados, pelo Comandante Militar da Madeira, Coronel Alencastre, a *desmobilizarem,* nas vésperas da entrada do nosso País no Conflito Mundial. Ao menos — e antes que a guerra a valer batesse à porta — *liquidava-se* duma vez e dum só golpe, tão espinhosas atribulações, evitando-se, porventura, outras maiores...

Não se poderá dizer, à primeira vista, que as famosas «esquadras» tivessem tido um fim muito *heróico* — marinhagem que na paz se mostrara tão aguerrida e recolhia agora a *penates,* prudentemente, num momento crítico para a Nação, numa altura em que a Pátria tanto carecia dos sacrifícios e da abnegação de todos os seus grandes filhos...

12 — *A «Esquadra Independente de Navegação Terrestre» (E. I. N. T.) em Santa Cruz*

13 — *Juramento de Bandeira*

11 — *O «yacht» «Maria», no porto do Funchal*

15 — *A «charanga» da «E. S. N. T.» em ensaio*

16 — *Fuzileiros em instrução*

V — *Últimos ecos no Porto Santo.* — Em memória das antigas «esquadras», do espírito de confraternização e sentido de humor que as inspirou e informou, o Autor fez *instalar* há 4 anos, na esplanada da sua residência de verão naquela Ilha, uma *canhoneira* simbólica, constiutida por um mastro de 12 metros, ostentando galhardetes, e uma velha peça de artilharia que pertenceu a um antigo fortim daquela Ilha. (As velhas peças dos fortins do Porto Santo há muitos anos abandonados e desmantelados, foram vendidas em hasta pública, depois de inutilizadas, há cerca de 40 anos atrás...) — Também ali ergueram mastros com seus galhardetes, nas respectivas residências de verão, há muitos anos, o falecido comerciante e industrial Teodósio H. de Vasconcelos e, mais recentemente, os herdeiros do empreiteiro João Augusto de Sousa; e Luís de Sousa, gerente do Banco Espírito Santo.

VI — A primeira publicação de «*AS ESQUADRAS DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE*» foi dada à estampa em Maio de 1958 na «*REVISTA PORTUGUESA*» — da qual se extraiu uma Separata, de 500 exemplares, em Junho seguinte — composta e impressa na «Tipografia Lusitânia» de Aveiro.

«*ANAIS DO CLUBE MILITAR NAVAL*», prestigiosa revista da especialidade que se publica em Lisboa, reproduziu, na integra, a referida monografia, no seu número de Janeiro/Março do corrente ano — profusamente ilustrada com as fotogravuras alusivas publicadas originàriamente.

O «JORNAL DA MADEIRA» acaba, novamente, de reproduzir o aludido trabalho, dele extraindo-se a presente Separata — completada com notas elucidativas actualizadas — destinadas a satisfazer os contínuos e numerosos pedidos de interessados.

VII — O ilustre Escritor e Académico, Major Reis Gomes, devia ter sido um *aficcionado* da «*Submarina*», tendo-se deixado, porventura, influenciar pela rivalidade existente entre as três organizações — como fàcilmente se depreende do facto estranho de, no seu citado livro «D Bom Humor» — publicado em 1942, a um quarto de século do fim das «Armadas» — ter-nos deixado um relato circunstanciado sobre a origem e actividade da «*Submarina*», fazendo silêncio absoluto — nem uma palavra alusiva! — acerca da existência das outras duas organizações rivais, a 2.ª das quais, a «Torpedeira», por mais liberal, atingiu maior número de agremiados e *importância bélica*, gozando de maior popularidade.

O nosso saudoso e distinto Historiador e Etnógrafo, Tenente-Coronel Alberto Arthur Sarmento, foi um dos fundadores e animadores da «Submarina».

VIII — A «Legião Portuguesa», instituição *para-militar*, criada no País com objectivos semelhantes aos das antigas Milícias e Ordenanças — a defesa do território nacional — encontrou, na Madeira, na primeira fase, um entusiasmo e uma adesão particularmente notá-

(d) Prevalecia aqui um espírito propício, por atavismo talvez, às formações armadas — influência ainda daquelas instituições e das [illegible]

[illegible] vimos marchar ao longo da cidade e arredores, velhos componentes das antigas armadas desportivas, curvados já ao peso dos [illegible] anos, cheios ainda de entusiasmo viril. E tal como naquelas [illegible] formações, prevalecendo o mesmo espírito patriótico e de [illegible] social — velhos professores, médicos, comerciantes [illegible] como simples soldados ao lado de jovens camaradas saídos [illegible] mais modestas camadas sociais.

[illegible] ainda, embora à *paisana*, com carácter clubista [illegible], a NAU SEM RUMO, prestimosa instituição de [illegible] e comerciantes. Subsiste há uma vintena de anos, mantendo [illegible] da Direcção o título pomposo de «Almirante».

(e) — Algumas pessoas, descendentes ou ligadas por parentesco [illegible] componentes, há muito falecidos, das famosas «esquadras», [illegible] nos sentir o facto de não verem insertos na presente publicação os nomes dos seus antepassados.

Sentimos muito não nos ter sido possível satisfazer tão [illegible] [illegible]

A presente monografia, dada à estampa em 1958, após laboriosas [illegible] e investigações, foi redigida e publicada a cerca de 80 anos [illegible] do aparecimento ou fundação da 1.ª Esquadra — a «sub-[illegible]» — e a mais de 40 do seu fim e das duas congéneres — sendo [illegible] completamente impossível, até por falta de elementos escritos [illegible] testemunhas coevas, muitas das quais falecidas há mais de meio [illegible] mencionar todos os acontecimentos ou peripécias, bem como [illegible] das muitas centenas de figurantes que fizeram parte daquelas [illegible], ao longo dos 37 anos da respectiva actividade.

O Autor, cuja infância, ao tempo, não lhe permitiu fazer parte [illegible] formações, limitou-se a descrever, com carácter [illegible], a existência daquelas singulares organizações, baseado nos [illegible] elementos que conseguiu obter — e a citar os nomes que [illegible] de alguns registos particulares e dos que se acham manuscritos nas costas das fotografias publicadas e nas «ordens de serviço» [illegible]

Aliás, o longo artigo, destinado à vida efémera do dia a dia dum [illegible] foi escrito sem qualquer preocupação literária ou etnográfica, [illegible] o autor, então, longe de imaginar-lhe o sucesso — o interesse [illegible] o assunto viria a despertar no público madeirense e até do [illegible] e do Brasil.

A presente separata — a 2.ª — constitui, já, uma 4.ª reprodução da 1.ª monografia publicada em 1958, destinando-se a satisfazer [illegible] pedidos de interessados.

POSFÁCIO

À Comissão redactorial dos «ANAIS DO CLUBE MILITAR NAVAL» de Lisboa e, particularmente, ao seu ilustre director e colaborador, Senhor Capitão-de-Mar-e-Guerra António Alves Lopes, pedimos vénia, pela transcrição, na presente separata, das palavras amáveis com que aquele distinto historiógrafo se dignou apresentar, naquela categorizada revista, o nosso modesto trabalho. Consignamos-lhe aqui, simultaneamente, o nosso reconhecimento pelas elogiosas referências com que se dignou distinguir-nos.

Ao ilustre Director do «Jornal da Madeira», Reverendo Sr. Dr. Agostinho Gonçalves Gomes, estamos muito gratos também pelo interesse que a monografia lhe despertou e o empenho manifestado em reproduzi-la no seu conceituado Jornal; e, bem assim, pelas atenções com que nos cumulou — particularmente, com a edição da presente separata.

Finalmente, uma saudação amiga aos Jovens velhotes, sobreviventes das Heróicas Esquadras, que nos manifestaram seu reconhecimento pelos «momentos agradáveis» que lhes proporcionámos ao fazer-lhes reviver os despreocupados e alegres tempos da sua mocidade distante... — aqueles remansosos tempos em que a vida era risonha e franca»...

Funchal, Maio de 1968 — C. P.

ÍNDICE

ÍNDICE DAS GRAVURAS

Págs.

CORRIGENDA

Entre os possíveis erros de composição tipográfica que escaparam à revisão — os quais o leitor fàcilmente corrigirá — avulta, e sem justificação possível, o da troca do nome de baptismo do ilustre historiógrafo, Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra Alberto Alves Lopes. Leia-se, pois, a páginas 6 e 63, *Alberto* em vez de *António*, com o pedido de absolvição para as culpas que possam caber a

O AUTOR

«...agradecimentos pela gentileza da *oferta do* precioso opúsculo — «As Esquadras de Navegação Terrestre» — que o meu bom amigo, numa hora de inspiração concebeu, redigiu e fez circular no vento da publicidade. O volume é realmente interessante e retrata bem aquela época em que, entre a boa sociedade funchalense, se cultivava o divertimento sadio, correcto, leal...».

Padre Plácido Pereira
(Escritor e Poeta)

«...achei tão interessante o teu trabalho que o li três vezes! Foi um verdadeiro brinde de Natal... — uma evocação saudosa dos tempos da minha meninice».

Baptista Santos
(Poeta e Jornalista)

«...enriquece a bibliografia madeirense, com o curioso relato de uma das mais bem humoradas facetas da vida do Funchal e valoriza o traço firme da sua pena de evocador...».

Olim Marote
(Jornalista)

«...As esquadras de navegação terrestre» proporcionam uma leitura agradável e original, evocando com graça as agremiações desportivas que foram tão populares entre os homens elegantes de há cinquenta anos.

(In *Diário de Notícias, 15/II/1958)*

«...Esta novidade literária bateu o record de vendas nestes últimos tempos, pois tem sido procurada por toda a gente e está quase esgotada».

(«Eco do Funchal»)—7/12/958)